

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: *Avá-canoeiro* 34

Data: *07.12.73*

Pg.: _____

Apoena consegue pacificação dos avá-canoeiros

Brasília (Sucursal) — O sertanista Apoena Meireles acaba de realizar a pacificação dos índios avá-canoeiros — os cara-pretas — no Município de Formoso do Araguaia, em Goiás, mas o preço foi alto: um índio xavante aculturado, que auxiliava a atração, foi flechado no rosto e conduzido ontem à tarde para um hospital de Goiânia em estado grave.

Apoena utilizou a técnica de impacto, isto é, penetrou de um só lance na aldeia com brindes na mão e atitudes de paz. Os índios, a princípio, não entenderam e correram em busca de seus arcos e flechas, disparando contra a expedição. Depois, vendo que o sertanista e seus homens não reagiam, mostraram-se amistosos e assim se estabeleceram os primeiros entendimentos de paz.

Funai ativa

A Fundação Nacional do Índio que havia colocado todos os equipamentos pedidos por Apoena Meireles para êxito da expedição, também ontem atuou de pressa, quando por rádio o sertanista pediu urgência para que um avião pousasse na região e recolhesse o xavante ferido.

A Funai conseguiu estabelecer contato imediatamente com o Major Saul, chefe de sua equipe de pilotos, que voava do Xingu para Brasília trazendo informações sobre o conflito entre txucamarrães e posseiros na área do parque. Ele foi deslocado para o Município de Formoso do Araguaia, onde está a tribo dos avá-canoeiros.

Dali, o major decolou para Goiânia, onde a Funai mantém convênio com um hospital, para o qual o índio xavante, da reserva de Pimentel Barbosa, foi levado em estado grave.

Os avá-canoeiros

Durante todo o dia de ontem, a Funai recebeu em Brasília pequenas mensagens de rádio enviadas pelo sertanista da frente de atração. Logo pela manhã, Apoena Meireles pensou em levar dois índios avá-canoeiros para Goiânia, utilizando-se do avião da entidade. Comunicou esta intenção à Fundação, mas depois mudou de idéia. Ninguém da Funai soube explicar a razão, mas supõe-se que os dois índios estariam doentes.

A aldeia fica na região de Mata Azul, no interior da Fazenda Canuanã. Trata-se de área de vegetação de cerrado e os índios estavam praticamente isolados devido às fortes chuvas que caem nesta época na região.

Peruano místico lidera município

Brasília (Sucursal) — O Conselho Indigenista Missionário revelou ontem sua preocupação quanto ao futuro das comunidades indígena e civilizada que habitam o Município de São Paulo de Olivença, no Amazonas, onde um cidadão peruano, conhecido na região por Irmão José da Cruz, lidera um movimento místico no melhor estilo de Canudos.

Segundo o Cimi, que já apresentou denúncia à Funai e às autoridades estaduais, o líder místico afastou da área os padres capuchinhos, que há muitos anos prestavam assistência aos índios ficunas do município. Através de pregação de novas idéias, também reduziu a zero a frequência aos dois únicos postos do Mobrai ali existentes.

Movimento cresce

O pregador peruano é leigo em assuntos teológicos, segundo o Cimi. A seita por ele fundada é completamente diferente das religiões cristãs conhecidas, embora tenha características mes-sianicas. O movimento vem crescendo e ameaça espalhar-se pelos municípios vizinhos, graças à pouca instrução dos habitantes — a maior parte são índios — e aos símbolos poderosos usados nas pregações do Irmão José da Cruz.

Em todo lugar que chega na Amazônia, o pregador, como primeira providência, levanta uma cruz no lugar de maior movimento. Sua palavra é convincente e, em pouco tempo, forma o que denomina *Comunidades da Cruz*, descritas pelos missionários como simples grupos de fanáticos à espera de um novo Cristo para salvá-los da miséria e do abandono.

Promessa de riqueza

O pregador peruano chegou à região em janeiro, segundo os missionários. No princípio, a reação dos capuchinhos foi de repúdio e combate a seus métodos de pregação, onde se alternam as ameaças de fogo do inferno com a promessa de grandes riquezas para todos os que formarem as "comunidades da cruz".

Depois, quando viram gradativamente seus fiéis aderirem à nova seita, os missionários resolveram estudar o fenômeno. Reuniram-se em Tefé, sob a chefia do Padre Casemiro Beksta, e analisaram o caso exaustivamente, utilizando-se inclusive dos instrumentos de comunicação de massa para explicar os efeitos espetaculosos que o Irmão José da Cruz vem obtendo.

A análise profeta, lado a lado, os métodos de evangelização dos capuchinhos e as técnicas mais convicentes do pregador. O trabalho foi anexado à denúncia que, em seguida, os missionários encaminharam à Funai. Também os dois postos do Mobrai — um na sede do município e outro na comunidade Nova Itália — denunciaram o pregador, pois a frequência vem se reduzindo. Só não fecharam ainda porque os professores continuam à disposição, mas já não existem alunos, embora os índices de analfabetismo na região sejam elevados.

Há cerca de uma semana, Apoena Meireles penetrara na aldeia utilizando-se da mesma técnica. Chefiando uma expedição, ele ingressou na tribo no momento em que os índios assavam um boi. Também houve correria na ocasião, mas, então, os avá-canoeiros fugiram. O sertanista deixou alguns brindes no local — contas, colares, facas, machados e panelas — e retornou à aldeia no dia seguinte. Os índios haviam voltado, recolhido os presentes e fugido novamente.

Por um triz

Apoena Meireles esperou pacientemente e, antontem à tarde, tornou a penetrar na aldeia. Os índios também já haviam retornado e tentavam voltar à rotina depois do susto que passaram dias antes. Mas, na segunda tentativa, o impacto teve outros efeitos: puseram-se a gritar, a correr para todos os cantos e a atirar flechas contra o grupo, que permaneceu impassível, mas Sidovi, um xavante aculturado, membro da expedição, foi ferido no rosto. Por pouco — conta o sertanista em radiograma enviado à Funai — não foram todos trucidados.

Depois que o susto passou, os índios ficaram quietos e conseguiu-se estabelecer contatos amistosos. Sobre os avá-canoeiros só existiam, até agora, hipóteses antropológicas. Há suspeitas de que sejam carijós, que foram levados por bandeirantes paulistas para o sertão goiano e aí se dispersaram vindo a se misturar, posteriormente, com remanescentes negros de antigos quilombos.

Explicar-se-ia, desta forma, a pigmentação negra destes índios, segundo relatam os moradores da região, que já os viram, mas sempre de relance, pois eles fogem constantemente aos contatos com brancos.

Visitas proibidas

Goiânia (Correspondente) — Internado no Hospital Brasil Central, nesta Capital, o índio Sidovi está com visitas proibidas, segundo determinação do médico da Funai, Dr. Américo, que o acompanha desde o momento em que se feriu no encontro com os avá-canoeiros, antontem.

Ao chegar, o índio prestou algumas informações, mas como tinha dificuldade para falar, tendo em vista o profundo ferimento no nariz — atingido por uma flechada — quase não se fez entender. Ele deverá ter alta nos próximos quatro ou cinco dias, segundo informou o hospital.

Porto Seguro é para os pataxós

Belo Horizonte (Sucursal) — O chefe da Ajudância Minas-Bahia da Funai, índio José Geraldo Itatuitim, disse ontem que, para ele, a permanência em Porto Seguro dos índios pataxós, os primeiros a terem contato com a esquadra de Cabral, é uma "questão fechada."

— Acho que nenhuma solução para o caso dos pataxós, cuja área está incluída no Parque Nacional de Monte Pascoal, administrado pelo IBDF, gerando conflito de competência com a Funai, é melhor do que mantê-los em seu território junto ao mar, com a ampliação da reserva para atender-se à constante reaglutinação dos grupos dispersos.

Retorno

Em maio deste ano, segundo disse, havia apenas 613 pataxós em Barra Velha, Porto Seguro, Sul da Bahia. O trabalho de assistência social que a Funai vem desenvolvendo na reserva fomentou o retorno dos grupos que haviam se dispersado por outras regiões e hoje a comunidade pataxó de Porto Seguro já conta com cerca de mil índios.

Os pataxós estão voltando a seu antigo reduto não só levados pelas perspectivas assistenciais da Funai, como também pela pressão de pessoas inescrupulosas que adquiriram títulos dominiais de terras devolutas do Sul da Bahia e não desejam ver os indígenas em suas propriedades.

Segundo Itatuitim, o pensamento geral da comunidade tribal é permanecer em Barra Velha. Os pataxós mais velhos e as mulheres em nenhuma hipótese admitem deixar sua aldeia.

Para assegurar a fixação dos pataxós em sua terra, Itatuitim apresentou à Funai uma programação que inclui o término da casa-sede administrativa do Posto, a construção da Casa do Índio e instalação de uma loja para venda de artesanato no terreno doado aos índios pelo Prefeito de Porto Seguro, implantação de enfermaria, farmácia, gabinetes médico, dentário e odontológico, duas escolas primárias, aquisição de um barco pesqueiro e outras iniciativas.

Quatro doentes chegam a Minas

Trazidos de avião da reserva de Porto Seguro, no Sul da Bahia, foram internados ontem, nesta Capital, para tratamento de saúde, quatro índios da tribo Pataxós, um dos quais — Piroga — está tuberculoso.

Os outros doentes são a velha Rosária, que está desnutrida, e duas crianças, uma delas, menina, com problemas na bexiga, onde sofrerá uma intervenção cirúrgica.

Tratamento

Os índios, que não vieram por terra, como costuma ocorrer, porque estão muito debilitados, chegaram de avião no fim da semana passada à Ajudância Minas-Bahia e foram internados pelo Funrural, que mantém convênio com a Funai para prestação de assistência aos indígenas.

A Ajudância realiza periodicamente testes antituberculosos nos cinco postos indígenas sob sua jurisdição, isolando e mandando a tratamento os índios acometidos de tuberculose ou sob suspeita. As vezes, o tratamento torna-se difícil por resistência do próprio índio, que se recusa a deixar a tribo para internar-se.